

REPENSANDO OS OITOCENTOS À EDUCAÇÃO E À SOCIEDADE NA BAIXADA FLUMINENSE: Olhares de investigação e pesquisa sobre Nova Iguaçu (1850-1890)*

Ivonete Cristina Campos Lima¹

“... a história regional, essa construída num pequeno espaço,... é a que talvez possa perseguir fornecer e chegar mais precisamente aos objetivos do sentido da História”.

Miridan Britto Falci

Apresentação

O presente trabalho resulta da pesquisa financiada pelo PROAPE nos anos de 2008 a 2010, da UNIABEU, onde pudemos contar com os discentes bolsistas integrados ao Programa (Marcelo Santos de Almeida e Priscilla Bezerra Barboza) e com bolsistas voluntários (Diego Grillo, Fabiane Aparecida e Joana Freitas).¹

A pesquisa visa à compreensão das relações existentes entre os fatores que atuaram no sistema de escolarização na baixada fluminense, especialmente, entre a deliberação da lei Eusébio de Queirós em três de setembro de 1850 e entre os anos de 1890 e foi desenvolvida da seguinte forma: leitura e sistematização de toda bibliografia possível pertinente à investigação em questão; encontros periódicos para reflexões sobre os resultados, pontuando os avanços significativos da pesquisa em todas as instâncias (coordenação, docentes e discentes envolvidos); entrevistas pessoais, administrativas e institucionais com os agentes sociais diretamente envolvidos com a trajetória da educação na Baixada Fluminense; visitação periódica às Instituições tradicionais no cenário da Baixada Fluminense (Jornal - O Correio da Lavoura, Instituto Iguaçuano, Colégio Leopoldo, ABEU/UNIABEU, Instituto Rangel Pestana, Rádio Solimões, Instituto Educacional Santo Antônio- IESA, ABE - Associação Brasileira de Educação e Biblioteca Nacional (estas duas últimas instituições se localizam no centro da cidade do Rio de Janeiro), bem como entrevistas com os gestores e participação em simpósios, eventos e congressos (docentes e discentes) Naturalmente, tudo isso nos exigiu um esforço de caráter metodológico: de registrar os fatos, sistematizá-los e de tentar interpretá-los

¹ Tivemos a participação diretamente do professor Ronald Apolinário de Lira, doutorando em Ciências Sociais pela UERJ e bolsista do PROAPE.

* O título original do projeto de pesquisa inscrito no PROAPE era “Educação e Sociedade na Baixada Fluminense: a trajetória da ABEU e da UNIABEU”.

de forma a aproximá-los da perspectiva do diálogo com as fontes, escapando assim da redução simplista ao refletir o cenário da investigação em pauta e, para isso, nos apropriamos da História Oral/da Memória (AMADO, 2004) utilizada por nós de forma a esclarecer algumas lacunas que, antes mesmo de iniciarmos a pesquisa, já eram evidenciadas, a exemplo, do início da escolarização nas fazendas e nos engenhos na Baixada Fluminense.

Logo, optamos por estabelecer a investigação partindo do cenário de outrora do espaço estudado, de como se deu a expansão da educação na sociedade baixadense, nos oitocentos, atrelando, é claro, com o desenrolar das dinâmicas políticas e econômicas do país, e traçar algumas luzes conclusivas diante de todo material coletado e analisado pela equipe da pesquisa que, por hora, abre oportunidades para novas contextualizações para a realização de novas perspectivas históricas diante da mesma temática.

Baixada Fluminense: o cenário em questão

Situada entre a capital do império fluminense e um interior montanhoso, a região que conhecemos como Baixada Fluminense, nos oitocentos tinha uma povoação significativa, ou seja, um contingente de escravos por conta do tráfico ilegal e interprovincial. É comum somente vê-la pelo viés de questões políticas e econômicas, a exemplo da notável Vila Iguassú. Todavia, o recorte temporal que aqui privilegiamos é entre 1850 e 1890, sob a perspectiva da abordagem da escolarização, e de como a dimensão deste caminho proporcionou um diferencial, que hoje podemos constatar a partir de Instituições que marcam a região.

Entretanto, revelar a identidade desta região pela via da educação certamente será um desafio, que obviamente necessitará de pressupostos teóricos referentes à trajetória histórica deste espaço fluminense. Para isso, tornar-se-á significativo que, ao investigar a educação da região, possamos estabelecer previamente os contextos das influências locais por onde trilharia o caminho das instituições educacionais, bem como delinear os aspectos de ocupação da Baixada Fluminense.

Podemos demarcar dois momentos distintos na história de ocupação da Baixada Fluminense: a partir do século XVII, quando a possível região fora palco de extração de madeira (BEZERRA, 1999, p.13), e durante o século XIX. a extração da madeira estimulou a ocupação local por tropas vindas do centro administrativo colonial fluminense, cuja missão era retirar a madeira (ipê, jacarandá, pinho) e transportá-la para a Europa, em função dos caminhos fluviais que ligavam a zona portuária do Rio de Janeiro ao interior iguaçuano. Daí a

importância da Vila de Iguassú, que, nos tempos áureos, prósperos e com a abertura da Estrada Real do Comércio, dominou toda a dinâmica local. No entanto, conflitos político-administrativos fizeram com que a vila acabasse por se tornar um povoado morto (SEGADAS, 1960, p.64); e, durante o século XIX, especialmente na 2ª metade, por conta da Lei Eusébio de Queirós, que extinguiu a chegada dos navios negreiros ao Brasil, especialmente, no Porto Rio de Janeiro, com esse decreto a região Iguazu ganha uma nova dinâmica por conta da movimentação escrava que mesmo inicialmente de forma clandestina, garante para o lugar uma interação sócio-econômica-cultural e em especial no que diz respeito ao processo de letramento de escravos e homens brancos pobres.

Por onde caminhou a educação?

A educação tem como marca a estada jesuítica em terras brasileiras, a partir do século XVI, que estabelece práticas de inserção ideológica, ao ensinar pelo viés da cultura religiosa branca, os indígenas que, ludibriados com as novidades e sem perspectivas diante do medo da escravidão, se deixam levar diante “das obras humanitárias dos salvadores de almas”, que são transmitidas nos sermões. Com a expulsão da Companhia de Jesus, o Marquês de Pombal desmantela o sistema de ensino em prol do Estado forte e iluminado aos pés do senhor absoluto e acrescenta em suas reformas as cartas/aulas régias, após um período de ausência de 13 anos de um plano pedagógico educacional para o Brasil (ROMANELLI, 1986, p.36).

Em fins do século XVIII, com a descoberta dos metais preciosos e abertura de estradas, surge nos núcleos urbanos e também no nosso cenário de pesquisa, na cidade do Rio de Janeiro, uma classe intermediária, classificada como uma pequena e principiante burguesia (WERNECK, apud, ROMANELLI, 1986, p.39), que se concentrava na zona urbana da cidade. Estes pequenos burgueses (pequenos comerciantes, artesãos) percebem a importância da educação como forma de inserção no contexto político e econômico brasileiro.

Com a chegada da corte no início do século XIX e de todo aparato burocrático, as transformações trazidas por D. João VI, se fazia necessário ter conhecimentos científicos e administrativos; a criação dos primeiros cursos superiores vem como alternativa para suprir contextos que elucidavam a seleção de pessoas preparadas para exercerem especificados ofícios (GHIRALDELLI, 1994, p.148). Vale ressaltar que a classe intermediária começou a frequentar a mesma escola secundária que os filhos da elite oligárquica rural. Aquela, inspirando-se no modelo eurocêntrico, vê-se influenciada pelas ideias liberais, que acabam por gerar impactos diante dos pensamentos e ações ideológicos, enfraquecendo as

oligarquias rurais. Mesmo assim, a educação foi direcionada para as elites, ou seja, a herança da educação do Brasil colonial se reafirmava como realidade no Brasil Império.

Para esta classe intermediária, absorver as práticas da oligarquia é caminho para se conseguir o exercício da hegemonia e garantir para si os mesmos benefícios dos grandes proprietários rurais. Neste momento, as alianças com este objetivo são claras e evidentes e, mais uma vez, a questão educacional, que deveria ser prioritária, é deixada em segundo plano. Aqui que evidenciamos, a originalidade desta pesquisa, a brecha para o escravo estudar, pelo menos o ensino das primeiras letras, como era chamada a modalidade de ler, escrever e calcular e como Na região da baixada fluminense, os escravos tinham uma certa autonomia e se comunicavam com frequência com a corte, o acesso à escolarização, era realizado de forma sutil e constante. (BEZERRA, 2012, P.17)

Como chega a educação na Baixada Fluminense?

A análise da participação dos grupos menos favorecidos na sociedade da Baixada Fluminense explica-se pelas razões do contexto social e político dos oitocentos, que se impunham diante das novas conquistas de autonomia que vieram corroborar com a dinâmica desse espaço regional, transformando a paisagem natural, *em um espaço de lutas e reivindicações* (*grifo nosso*) o que encontrou ressonância diante das ações que deram início à dinâmica de escolarização local dos agentes sociais da região, .

Portanto, investigar os anônimos componentes da região, que de forma peculiar foram inclusos nas entrelinhas sociais, é a proposta desta pesquisa. Para isso, analisar a trajetória de escravos, libertos e homens pobres e seus papéis na inserção deste mundo escolarizado é o objetivo deste trabalho. Inicialmente, não se tem por enfoque atribuir a estes agentes uma relevância isolada que levaria ao esquecimento o entorno da região que atuou de forma pertinente na implantação de uma escolarização mesmo de modo informal, mas, sim, inseri-la no conjunto da sociedade. É a temática a ser investigada a partir da representatividade das diversas trajetórias.

O universo de discussões sobre o caminho trilhado por estes escravos, libertos e homens pobres, no que diz respeito ao cenário sociopolítico a partir dos oitocentos, é bastante significativo. Como afirma Florestan Fernandes (1966, p. 56), é a partir do século XIX, que a educação ganha espaço para os grupos populares e menos favorecidos e momentos históricos, a exemplo da abolição da escravatura permite a inserção daqueles que marcam a trajetória de transformações e conquistas dentro de uma nação que fora construída para desenvolver um modelo político e econômico conhecido mais a frente, nos momentos de democracia

republicana, com base na industrialização. Teixeira (1957, pp. 88-89) aborda também esta questão. Retrata que as evidências nacionais republicanas refletiam as práticas educacionais. O autor assinala que ficou evidente a tendência à retomada dos princípios voltados para a formação do negro trabalhador, de acordo com o modelo urbano da época. Embora o autor, sutilmente, em sua obra, faça críticas a esse modelo, ele não nega a importância do momento diante das transformações no campo da Educação. Assim, as transformações dessa região têm sua origem neste contexto.

Luzes conclusivas: para não colocar um ponto final na história...

A construção de uma trajetória de um determinado objeto leva o historiador a uma tentativa de buscar, através das experiências e motivações existentes em sua vida, algo que o surpreenda e ao mesmo tempo contribua com as múltiplas facetas do saber acadêmico. Apropriar-se de uma pretensa imparcialidade é querer obrigatoriamente preencher os vazios da própria pesquisa, uma vez que a construção do objeto é primordial quando se refere ao próprio homem. (CARDOSO, 1997, p. 34).

A relevância desta pesquisa vem ao encontro a um desejo de criar um acervo documental expressivo dentro das instituições iguaçuanas que certamente colaboram para o crescimento do município e cuja história faz parte indiscutivelmente da região. Hoje, a partir de dos estatísticos do IBGE, Nova Iguaçu, tem em suas escolas tanto públicas, quanto privadas, um significativo número de alunos negros e mestiços. Sob uma abordagem sociocultural, a investigação permitirá que se efetive a instalação de um acervo memorial aberto não somente para toda a comunidade da Baixada Fluminense como também para todos que se interessem por pesquisas no tocante à História Regional e Local, enriquecendo assim os espaços da Academia e contribuindo para a efetiva multiplicação do saber.

É a partir do repensar da investigação da educação e sociedade na Baixada Fluminense que percebemos que, com êxito, chegamos às luzes de um aproximado perfil educacional que se vislumbra na região. Essa construção se deu em torno da análise de todas as fontes possíveis em que nos debruçamos, bem como das entrevistas realizadas, que foram extremamente importantes para delinear a trajetória da dinâmica escolar, relacionada com os agentes sociais da região e a escola, concebida como instituição social. Como hoje esses negros são tratados, a questão do bullying, as oportunidades igualitárias de inserção no mercado de trabalho, a partir dos estudos, segundo Selva G. Fonseca,

...a escola concretiza as relações entre educação, sociedade e cidadania, sendo uma das principais agências responsáveis pela formação de novas gerações... Realiza a

mediação entre as demandas da sociedade, do mercado e as necessidades de autorrealização das pessoas; [...], transforma-se junto com a sociedade e também colabora e participa das mudanças sociais (FONSECA, 2008, p. 15)

Mas, nas escolas, um detalhe importante, a elite não se misturava com os pobres, somente para fotos. Estes negros pobres eram assistidos separadamente, em outras classes e em outras dependências. Tinham, porém, o mesmo tratamento e o mesmo nível de instrução da elite.

Outro dado constatado é que estudantes mulatos que já faziam parte da nata iguaçuana, ou seja, de famílias mestiças ricas, que exerciam influência nas decisões políticas, participavam desse mesmo privilégio garantido à elite, que era o acesso à escola. O dono do jornal Correio da Lavoura, fundado em 1917, era mulato e pertencia a uma família influente da região, que nos finais dos oitocentos foi feliz pela influência herdada da terra, da agricultura, ligada à produção de laranja, logo, estes agentes sociais chegaram e permaneceram. Sua chegada está relacionada à trajetória dessas escolas, colocando-se como um suporte diferencial no que tange às práticas de Educação da Baixada Fluminense, como meio de divulgação.

A visão de detalhes como este descrito acima, importantes para a região, transforma uma localidade marcada pela exclusão social da maior parte da população, tendo em vista que conhecer e divulgar o percurso de seus vários agentes é, antes de tudo, uma perspectiva de fortalecimento da cidadania na comunidade local, que valorizará seu cotidiano e sua contribuição para a construção e reconstrução de sua própria história.

Apontando a memória como foco condutor, devemos, assim, descrever como ela é compreendida no meio historiográfico, delimitando seu alcance e profundidade no presente trabalho. Quando nos propomos a resgatar a história de algumas famílias mestiças que se perpetuam por mais de dois séculos, através de seus descendentes, é na memória de seus fundadores e na daqueles que se lhes avizinham, acompanhando seu desenvolvimento, que poderemos alcançar o registro histórico não só das instituições, mas de toda a região que as cerca. É bom lembrar que a pesquisa não se esgota pelo fato de conseguirmos alguns resultados significativos, mas, sim, que ela abriu portas para novos objetos de estudos e outras reinterpretações.

Portanto, ao longo desses dois anos, verificamos que a amplitude do objeto de estudo em questão fez-nos perceber que a História, pelo viés da educação, não para, e as indagações provocadas no decorrer da pesquisa vieram consolidar e aumentar o nosso desejo de querer buscar mais. Pudemos compreender que a educação de hoje vivenciada na região ainda traz

marcas do passado ainda presente na memória de muitos que ainda residem na região desta forma, acreditamos que construímos um conhecimento sólido e com possibilidades de futuros desdobramentos.

Referências

AMADO, Janaína; MORAES, Marieta. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, FGV, 2004.

BEZERRA, Nielson Rosa. **Baixada Fluminense: pau para toda a obra**. Sentidos de ocupação da região. Rio de Janeiro, FEUDUC, 1999.

BRITTO, Miridan de. **História Regional: conceito, problemas e tipologias**. Rio de Janeiro, IGHV, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion S.; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história**. Rio de Janeiro, Campus, 1997.

FERNANDES, Florestan. **Educação e sociedade no Brasil**. São Paulo, EDUSP, 1966.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. 10ª ed., Campinas, Papirus, 2008.

GHIRALDELLI, Paulo Jr. **História da educação**. 2ª ed., São Paulo, Cortez, 1994.

PEIXOTO, Ruy Afrânio. **Imagens iguaçuanas**. Nova Iguaçu, mimeo. 1963.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil: 1930 a 1973**. 12ª ed., Petrópolis, Vozes, 1986.

SEGADAS, Maria Therezinha. **Nova Iguaçu: absorção de uma célula urbana pelo grande Rio de Janeiro**. Tese de livre docência em Geografia. Rio de Janeiro, Faculdade Nacional de Filosofia, mimeo, 1960.

TEIXEIRA, Anísio. **A educação não é privilégio**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.